dará retorno ao criador. Em um clima como o daquelas regiões do cerrado, a semiclimatização exige um investimento menor, dentro do limite de viabilidade econômico-financeira do projeto.

Outro fator de influência positiva na produtividade animal é a qualidade do milho produzido no cerrado. Por ter um regime de chuva bem definido (outubro a abril), a colheita, realizada na seca, resulta em um produto com menor umidade, sem os problemas de contaminação do grão por fungos, como é comum no Sul.

O cerrado tem um potencial agrícola incontestável, porém é um ecossistema delicado e a forma de manejo agrícola empregada vai determinar a manutenção de sua potencialidade ao longo de anos e anos de exploração. A prática do plantio direto, com um mínimo de revolvimento do solo que o protege de perdas físicas e de fertilidade, não é generalizada em todas as regiões. Em certos locais do Sudoeste goiano, como em Rio Verde, atinge no entanto cerca de 85% da área cultivada com soja e milho. Nessa região específica está o produtor profissional de grãos, que se desenvolveu na atividade a ponto de deter a maior produtividade média do país.

Nessa mesma região a área cultivada atualmente com grãos ocupa apenas parte da área potencialmente agricultável, o que dá espaço para futuras expansões. Em função do patamar de produtividade, da prática preservacionista que garante a perenidade da atividade e do potencial para expansão física da produção, a perspectiva é de oferta futura a preços satisfatórios. Além disso, o solo do cerrado é carente de matéria orgânica, e as propriedades têm área suficiente para absorver grande quantidade de dejetos tratados, que só vão contribuir para a manutenção ou mesmo a elevação da produtividade agrícola.

O Sudoeste goiano leva vantagem em relação a outras regiões devido a uma alta produção de grãos. Num raio de 200km, tendo Rio Verde como centro, têm-se obtido safras de milho com volume entre 1,5 e 2 milhões de toneladas.

Os preços praticados atualmente na região são inferiores aos do Sul, até mesmo pela ausência de grandes demandantes. Com o tempo, a presença de compradores constantes e de grandes volumes, a tendência é que essa diferenciação de preços diminua, embora permaneça a vantagem do custo do frete no abastecimento da indústria, em função da concentração da produção.

Na fase de produção de animais para abate ganha-se também em custo de frete, em função de se conseguir implantar o critério mais próximo do abatedouro. Como o perfil do produtor no Sudoeste goiano é o de médio ou grande, é possível utilizar instalações com maior capacidade de alojamento de animais, possibilitando maximização no transporte de rações e animais para abate. A melhor condição das estradas em função da topografia plana ou suavemente ondulada permite o uso de caminhões com maior capacidade de carga, que junto com a menor quilometragem rodada resulta em redução de custo do frete.

É claro que todos esses fatores seriam pelo menos parcialmente inviabilizados se não se contasse com uma infra-estrutura minimamente razoável de rede viária, energia elétrica, telecomunicações, armazenagem, educação, mão-de-obra e até mesmo de receptividade da comunidade na implantação de um projeto de grande porte. Todos esses quesitos e algumas das vantagens citadas são encontrados de maneira satisfatória, tanto no Oeste e no triângulo mineiro como em algumas regiões de Goiás.

Antônio Roberto Marques é engenheiro agrônomo da Perdigão Agroindustrial SA, com pós-graduação em desenvolvimento rural e abastecimento alimentar.

CENTRO-OESTE

No ponto

Primeiro no ranking nacional de rebanho de corte, o Centro-Oeste brasileiro só precisa de infra-estrutura

Pedro Ferreira Arantes e Christiane de Paula Rossi

A pecuária de corte tem passado por mudanças significativas, principalmente após a abertura da economia. Deixou de ser uma atividade extrativista e extensiva, adotou um novo modelo de tecnologia e capacidade de gerenciamento, capaz de gerar maior eficiência e aumentar a produtividade e a qualidade, fatores fundamentais para a competitividade. Alguns segmentos no entanto ainda resistem às mudanças.

Os números do Centro-Oeste

A região concentra 35% dos bovinos do país, 28% de frangos de corte e 10% de suínos. Mato Grosso do Sul continua a ser o estado que possui o maior rebanho bovino desde 1993, quando ultrapassou Minas Gerais. Goiás vem em seguida, com o terceiro maior rebanho, e Mato Grosso com o quarto. O Distrito Federal, apesar de compor a região com os maiores efetivos do país, não possui um rebanho expressivo.

Com seu rebanho de corte, a região

é a primeira no *ranking* nacional, com uma estimativa de 45,7 milhões de cabeças de bovinos.

O abate de bovinos cresceu 50% na região nos últimos 10 anos, enquanto o abate nacional crescia 25% e nas demais regiões crescia menos de 20% (tabela e gráfico). O Centro-Oeste detém 31% do total de abates no país, o que levou a uma produção de 1,9 milhão de toneladas equivalente-carcaça de carne bovina em 1997.

Por conta dessa expansão, os frigoríficos se deslocaram da região Sudeste para o Centro-Oeste, onde o crescimento da produção de carne foi de 48% de 1990 a 1997, enquanto, graças ao melhoramento genético, o rebanho crescia apenas 7%. Raças especializadas têm sido introduzidas através do cruzamento industrial, e representam hoje 13,4% dos animais de corte na região.

Com a adesão de vários produtores à criação de novilhos precoces, aumenta a oferta de carne em menos tempo e com qualidade superior, atraindo mercados e expandindo a comercialização da carne e seus derivados.

O programa do novilho precoce, que tem como um dos atrativos o incentivo de 50% do ICMS em Goiás, já repassou em torno de R$3,2 milhões para 1.500 produtores inscritos no programa. O abate em 1997 foi de 216.987 cabeças, representando 11% do rebanho abatido no estado sob inspeção federal, contribuindo com 54 mil toneladas de carne para o estado.

Crescimento modesto

Nos últimos nove anos a taxa de abate nos estados do Centro-Oeste cresceu 4,8% no Mato Grosso do Sul, 4,9% no Mato Grosso, 4% em Goiás e 12,1% no Distrito Federal – enquanto no país crescia 3,9% no mesmo período.

Comparando a taxa de abate do Brasil – 20% em 1997 – com a de outros países como a Argentina, os Estados Unidos e o México (24%, 38% e 32%, respectivamente), verifica-se a necessidade de todos os estados se empenharem em ampliar seus abates.

COMPARANDO A TAXA de abate do Brasil – 20% em 1997 – com a de outros países como a Argentina, os Estados Unidos e o México (24%, 38% e 32%, respectivamente), verifica-se a necessidade de todos os estados se empenharem em ampliar seus abates.

Os índices de crescimento observados na região Centro-Oeste derivam também do melhoramento da infra-estrutural, da implantação de indústrias, que, em Goiás, são incentivadas pelo governo através do Fomentar (programa que isenta as empresas do pagamento de 70% do ICMS por 40 anos).

Tal programa tem atraído várias empresas, como é o caso da Perdigão, com projeto de US$500 milhões na cidade de Rio Verde. A Perdigão pretende, para o ano 2003, quando estiver com sua capacidade máxima, abater e industrializar diariamente 3.500 suínos e 280 mil aves.

Outros atrativos fizeram com que frigoríficos e curtumes se instalassem em Goiás, como o Friboi, que faturou aproximadamente US$500 milhões em 1998.

Outro importante empreendimento no setor foi a criação do Canal do Boi, que leiloa por volta de 1.000 a 1.500 cabeças diariamente, via satélite, no Mato Grosso do Sul.

A bovinocultura de corte, tanto no Centro-Oeste como em outras regiões, vem ganhando dimensões em relação à conquista de mercado externo. A título de exemplo, Goiás conseguiu a liberação do produto oriundo do frigorífico Goiás Carne para exportação ao Chile. Essa conquista vem sendo conseguida em função do empenho em erradicar a febre aftosa dos rebanhos brasileiros.

Aves e suínos

A avicultura se destaca pelo aumen-

Rebanho abatido

Produção por região (cabeças)

Ano/região	*1989*	*1990*	*1991*	*1992*	*1993*	*1994*	*1995*	*1996*	*1997*	*1998**
NE	3.677.850	3.749.447	4.250.706	5.004.078	4.753.507	4.373.261	4.468.895	4.594.569	4.309.965	4.380.414
SE	7.614.364	7.670.307	8.385.659	8.764.413	8.405.590	8.434.585	8.781.084	9.098.557	8.445.401	8.498.016
S	4.657.170	4.622.819	5.100.680	5.225.990	5.058.172	5.062.089	5.452.352	5.698.222	5.414.935	5.412.042
CO	6.298.555	6.451.264	7.200.848	7.612.461	7.594.225	8.241.165	8.997.152	10.068.632	9.477.659	9.508.360
Brasil	22.247.939	22.493.837	24.937.893	26.606.942	25.811.494	26.111.100	27.699.483	29.459.980	27.647.960	27.798.832

Fonte: FNP (estimativa).

*Projeção.

Elaboração: Detec/Faeg.

to de produtividade experimentada em todo o país. Não poderia ser diferente na região Centro-Oeste, onde a produção de carne chegou a ter um aumento de 213% nos últimos 10 anos, um índice maior do que o verificado para todo o Brasil (129%). O rebanho local de frangos de corte, que era de 15.432 em 1988, evoluiu para 82.496 cabeças em 1997 (crescimento de 430%).

A suinocultura, que predominava no Sudeste e no Sul do país, rompeu divisas e está conquistando a região de cerrados. A grande extensão territorial, juntamente com clima favorável para o aumento da produção de grãos, favorece a produção de carne suína, já que diminui os custos com transporte de matéria-prima para a fabricação de ração devido à proximidade das zonas de produção. Assim, vários projetos de médio porte têm-se instalado no Centro-Oeste no setor de suínos e aves: em Campo Grande, Dourados e Aparecida do Taboado, no Mato Grosso do Sul; Lucas do Rio Verde, Chapada dos Guimarães e Rondonópolis, em Mato Grosso; Varjão, Jataí e Rio Verde, em Goiás.

Entretanto, o crescimento da suinocultura na região ainda é lento, com apenas 6,8% de acréscimo na produção da carne desde 1989.

O Centro-Oeste é a segunda região que mais cresce economicamente no Brasil e acredita-se que continuará nesse ritmo com a introdução de indústrias e a construção de ferrovias, hidrovias, gasodutos e usinas de energia elétrica. O impulso na economia da região será maior se for acompanhado de infra-estrutura adequada.

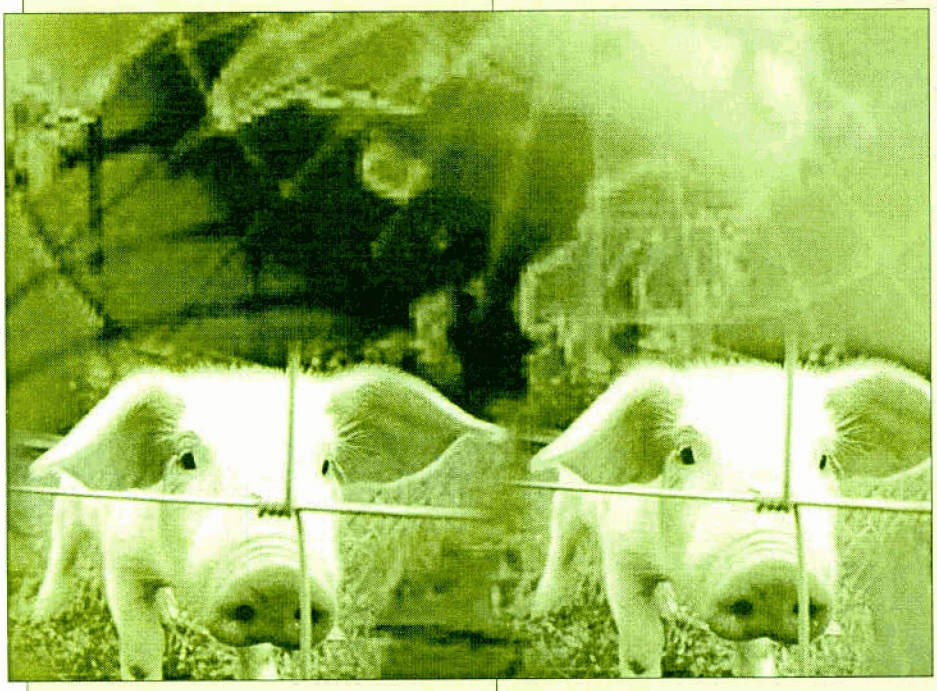
Pedro Ferreira Arantes é consultor Faeg e professor da Faculdade Anhanguera; Christiane de Paula Rossi é assessora técnica da Faeg.

CENTRO-OESTE

Pode melhorar

Tudo leva a crer que pode acontecer uma verdadeira explosão da suinocultura no Centro-Oeste brasileiro

Cloves F. Vettorato



Ouvir falar na expansão da suinocultura no Centro-Oeste deixava os suinocultores do Sul e Sudeste arrepiados. E não era para menos. Mato Grosso e Goiás transformaram-se em grandes produtores de grãos, como milho, soja, sorgo e milheto, matérias de baixo valor agregado, essenciais para a nutrição de pequenos animais. Qualquer analista de tendências do mercado afirmaria com segurança que tais atividades teriam deslocamento natural para o Centro-Oeste.

A despeito de todas as previsões, isso não aconteceu. E por que não aconteceu? Que fatores brecaram investimentos nessa área? Teriam desaparecido as vantagens comparativas que o Centro-Oeste oferecia?

Analisando a situação

A suinocultura tecnificada está estagnada no Mato Grosso em 18 mil matrizes há mais de quatro anos. Nenhuma granja nova foi implantada nesse período. Em Goiás, o grande projeto da Perdigão está em ritmo lento, quase parando.

A primeira consideração a ser feita é de que, na suinocultura especialmente, quem investe é produtor rural e não banqueiro, industrial ou profissional liberal. E o Plano Real retirou do produtor qualquer possibilidade de investimento. Suas dívidas foram corrigidas em